
“O primeiro ‘repórter’ feminino do Rio de Janeiro”: Virgínia Quaresma no Brasil

*“The first female ‘reporter’ of Rio de Janeiro”:
Virgínia Quaresma in Brazil*

Eduardo da Cruz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro /
Universidade de São Paulo / CNPq

Andreia Alves Monteiro de Castro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a466>

RESUMO

A trajetória pessoal, intelectual e profissional da escritora e jornalista portuguesa Virgínia Sofia Guerra Quaresma tem sido tema de trabalhos acadêmicos, reportagens e blogs. Seu brilhantismo e pioneirismo garantiram posição de destaque, ainda mais se consideramos o triunfo de uma mulher que não se encaixava nos padrões normativos em um cenário dominado por homens. Contudo há vários pontos cegos ou apontamentos nebulosos, sobretudo nos momentos em que Virginia Quaresma atuou nas trocas de informação e de

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – ao projeto “Escritoras portuguesas na imprensa periódica do Brasil: laços transatlânticos feministas (1890-1930)”.

formação de opinião no contexto luso-brasileiro de boa parte do século XX. Somente a pesquisa em periódicos, documentos históricos e registros íntimos podem ajudar a desvendar a rede de sociabilidades que Virgínia teceu entre os dois lados do Atlântico. Este artigo destaca, nos momentos de suas estadias no Brasil, aspectos profissionais, feministas e políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Virgínia Quaresma; Jornalismo; Imprensa Periódica; Feminismo; Masculinidade feminina

ABSTRACT

The personal, intellectual and professional trajectory of the Portuguese Woman writer and journalist Virginia Sofia Guerra Quaresma has been the subject of academic works, reports and blogs. Her brilliance and pioneering spirit ensured a prominent position, even more so if we consider the triumph of a woman who did not fit the normative standards in a scenario dominated by men. However, there are several blind spots or nebulous points, especially at times when Virginia Quaresma acted in the exchange of information and opinion formation in the Portuguese-Brazilian context in most of the 20th century. Only the research in periodicals, historical documents and intimate records can help unravel the social network Virginia has woven between the two sides of the Atlantic. This article highlights, in the moments of her stays in Brazil, professional, feminist and political aspects.

KEYWORDS: Virginia Quaresma; Journalism; Periodical Press; Feminism; female masculinity.

A escritora e jornalista portuguesa Virgínia Sofia Guerra Quaresma tem sido alvo de alguns trabalhos acadêmicos nos últimos anos (SEIXAS, 2004 e 2005; KLOBUCKA, 2009; ALMEIDA, 2010; LOUSADA, 2014; CUROPOS, 2016 e 2019), além de reportagens e blogs, principalmente devido ao seu perfil profissional de vanguarda e a questões identitárias e cívicas. Apesar disso, parece ainda haver algumas lacunas em sua biografia e até mesmo na identificação de sua produção, talvez causadas pelos longos períodos passados no Brasil, pela dificuldade de acesso a algumas fontes, pelo fato de Vir-

gínia muitas vezes não assinar seus textos e, em alguns casos, pela ocultação de sua vida amorosa, tanto de parte da própria escritora quanto de parte de alguns de seus biógrafos. Por isso, propomo-nos, neste artigo, a lançar luz sobre alguns aspectos da vida e da obra de Virgínia Quaresma, detendo-nos sobretudo na relação com o Brasil, procurando perceber como uma portuguesa, negra, que mantinha relações amorosas com outras mulheres, foi recebida e conseguiu destaque profissional no Rio de Janeiro ao longo do tempo. Para isso, buscamos fontes primárias de informação, principalmente a imprensa periódica, por ser o meio no qual ela trabalhava, também por ser possível, a partir dessa pesquisa², levantar dados biográficos públicos e desvendar uma ampla rede de sociabilidades que Virgínia teceu entre os dois lados do Atlântico.

Assim, damos visualidade a uma rede que toma o jornal como nó, procurando perceber como seus autores, textos e contextos sociais se relacionam. Marco Morel (2013), ao analisar os primeiros periódicos brasileiros, percebeu a relação desses impressos com as redes de sociabilidade que os constituíram e que se articularam através deles. Acreditamos que, mesmo nas primeiras décadas do século XX, periódicos continuavam sendo fundamentais para a sociabilidade, pensando sobretudo na atuação, como autoras e editoras, de uma série de mulheres em alguns desses periódicos, pois, como Gontijo defende, “entre as atitudes ou práticas que fundam a sociabilidade

² Foi realizada uma metodologia mista. O jornal *A Epoca* (1912-1919) foi percorrido página a página, na versão digitalizada na Hemeroteca Nacional, pela bolsista de Iniciação Científica, Gabrielle Sant’Anna de Oliveira, que elaborou uma planilha com todos os textos assinados por mulheres ou sobre escritoras e feministas. Os pesquisadores executaram a mesma metodologia no *Diário Português* (1932-1934) no acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Além disso, foram feitas buscas pelas expressões “Virginia Quaresma”, “Maria da Cunha”, “Silva Passos”, “Valat” e “Vallat” na Hemeroteca Digital. Alguns textos foram recolhidos a partir de indícios dessa busca primária.

intelectual está a elaboração de escritos comumente identificados como efêmeros” (2005, p. 263), incluindo não apenas cartas, mas também textos na imprensa. Logo, para que um grupo de escritores e escritoras que redigiam e colaboravam com um dado periódico se sociabilizassem em suas páginas, deveria haver ali um projeto em comum que satisfizesse a todos (a construção de um ideal de nação mesmo ausente da pátria, no caso da imprensa imigrante, ou o debate por uma maior participação feminina na sociedade) ou que, em casos múltiplos, a associação se desse pelo valor simbólico e pela satisfação de ter seu texto ali publicado (ou mesmo como estratégia individual ou comunitária de difusão de sua obra). A compreensão, portanto, dessa rede de sociabilidade torna-se importante para pensarmos a proposta do jornal e o papel de Virgínia Quaresma nessas publicações. Este aspecto é importante sobretudo no primeiro jornal no qual ela vai trabalhar no Rio de Janeiro, *A Época*, como veremos, pois ela consegue atrair para essa folha alguns nomes de sua predileção, como a companheira Maria da Cunha, a escritora Angelina Vidal e a amiga Olga Morais Sarmiento. Além disso, cabe ressaltar que, ao longo da vida brasileira da Virgínia Quaresma, sua rede foi se modificando, com algumas relações migrando de uma folha para outra, como é de se esperar. Afinal, os nós da rede são enlaçados e desenlaçados ao longo do tempo, seja por motivos profissionais, seja por pessoais.

Como este ensaio se pretende também biográfico, procuraremos seguir, sempre que possível, uma linha cronológica, de modo a verificar as mudanças nessas redes de sociabilidade da Quaresma e sua atuação pública. Além disso, Chartier (1991) observa que investigar os usos do escrito ajuda a compreender os modos como uma comunidade constrói suas representações sobre o mundo, investindo-o de significados plurais. Ao analisarmos as publicações de portugueses em periódicos brasileiros, por exemplo, temos a chance de mostrar como esse grupo se percebia como comunidade, como se

apresentava, que estratégias simbólicas utilizavam para se posicionar em meio a uma sociedade que, apesar de culturalmente próxima, lhe era alheia. Isso é sobretudo interessante no caso das escritoras portuguesas, que ainda precisavam, de alguma forma, defender a inserção de mulheres nesse meio editorial que estava em pleno processo de industrialização (SODRÉ, 2011) e de profissionalização de seu corpo editorial.

Pioneirismo profissional – o feminismo triunfa

Quando, no dia 16 de setembro de 1912, Virgínia Quaresma desembarca do vapor “Arlanza” no cais do Rio de Janeiro acompanhada da poetisa Maria da Cunha, ela já era aguardada. Talvez o público brasileiro não lembrasse da menção de seu nome na reprodução da notícia do *Século* no *Jornal de Recife* n.131 (10/06/1908, p. 2) sobre um banquete promovido pela Associação “La paix et le desarmement per les femmes”, com a madame Frondoni Lacombe como presidente e Virgínia Quaresma como secretária, para comemorar a convenção de Haya. Contudo, diversos jornais do Rio de Janeiro anunciavam, ao menos desde junho de 1912, a próxima vinda da jornalista portuguesa, quando a *Gazeta de Notícias*, na coluna “Feminismo”, reproduz uma entrevista concedida a um jornalista de sua terra sobre sua vinda ao Brasil precedida de exclamações sobre a sensação da novidade de termos uma mulher repórter, palavra recente entre nós, um estrangeirismo ainda se adaptando ao novo estilo de se fazer jornalismo, o que certamente causava ainda mais comoção:

D. Virginia Quaresma vem ser redactor ou reporter entre nós. Certo é a primeira vez que vamos ter nas salas das nossas redacções uma mulher jornalista, exclusivamente jornalista, fazendo “enquetes”, assaltando politicos para entrevistar, cavando activamente “furos”.

Ah! vae ser interessante uma mulher de lapis em punho e as tiras de papel, tomando notas nas delegacias, nos corredores da Camara, nos gabinetes dos politicos, nos passeios da Avenida... E depois, á noite, quando na sala iluminada das redacções palpitar, numa febril actividade, toda a energia de um dia de trabalho, entrar D. Virginia Quaresma e sentar-se na sua mesa para tomar parte nessa soberba eclosão. (*Gazeta de Noticias* n.172, 20/06/1912, p. 2).

Virgínia Quaresma parece já ter, ao menos para si, abandonado a qualidade de “escritora”, como ela confirma na referida entrevista: “Vou para o Brasil continuar a ser o que tenho sido aqui: uma modesta profissional do jornalismo. Não pretendo ser uma escriptora, nem o meu temperamento se presta ao aneio de exhibições”. Essa afirmação representa uma virada em sua trajetória. Assim, ela descarta a possibilidade de ser comparada a outras mulheres que já trabalhavam na imprensa periódica, tanto como colaboradoras enviando seus textos de casa, quanto como redatoras, organizando todo o jornal, como fora, por exemplo, Antónia Gertrudes Pusich em meados do século XIX. Logo, é possível acreditar que os “Fragmentos” publicados na revista *Sociedade Futura* em 1902 não chegariam a formar o pretendido livro *Notas de um triste*, assim mesmo no masculino, indicando sua tendência para se posicionar como homem em algumas situações. Essa postura é afirmativa de sua campanha pela profissionalização, pois em vários momentos de sua vida ela vai reforçar a narrativa de seu pioneirismo e da qualidade de seu trabalho, algo que, nessa entrevista, ainda surge com o tom de modéstia que se esperava das mulheres até então. Ademais, na versão integral da entrevista publicada no jornal lisbonense *A Capital*, a jornalista afirma admirar algumas escritoras da “geração velha” (Maria Amália Vaz de Carvalho, Virgínia de Castro e Almeida, Albertina Paraíso, Angelina Vidal, Claudia de Campos e Ana de Castro Osório), sem referências à companheira Maria da Cunha, da mesma idade de Ana de Castro Osório, ou mesmo a qualquer uma da geração mais nova.

Contudo, a passagem de Virgínia Quaresma e Maria da Cunha por Paris no caminho para o Rio – embarcaram em Cherburgo – foi também noticiada aqui. Xavier de Carvalho, na época correspondente de Paris n’*O Paiz*, inclui as duas numa crônica, datada de 9 de agosto, sobre uma festa comemorativa de Bartolomeu de Gusmão naquela cidade:

O Sr. commendador Alfaya Rodrigues tinha ao seu lado madame Duchange, a fundadora do club feminino *Stella*, composto só de *aviatrices*, e de outro lado, mademoiselle Virginia Quaresma, escriptora portugueza, muito distincta e que em breve parte para o Brazil, como redactora do *Jornal do Commercio*, do Rio.

Na frente do presidente, estava o Sr. Gay, syndico da *Cidade de Paris*, o conselheiro municipal mais influente, representando a Cidade de Paris. Tinha ao seu lado madame du Gast e madame Maria da Cunha, a poetisa portugueza das *Trindades*. (CARVALHO, 1912, p. 5).

Antes de sua chegada, não era possível ainda saber qual seria o emprego de Virgínia Quaresma. Alguns apontavam o *Jornal do Commercio* (*O Paiz* n.10178, 18/08/1912, p. 8), outros indicavam que ela seria correspondente de jornais portugueses (*Pacotilha* n.226, 23/09/1912, p. 1). Aliás, apesar de referir as duas portuguesas no mesmo evento luso em Paris, Xavier de Carvalho não faz menção à vinda ao Rio da poetisa nem comenta que as duas estavam juntas em viagem, mas dá a entender, pelo detalhe da disposição de apenas seis pessoas na mesa do banquete, que Quaresma e Maria da Cunha estavam sentadas frente a frente³. Inclusive, a viagem das duas juntas talvez não fosse algo que devesse ser divulgado. Cândido de Figueiredo,

³ Xavier de Carvalho consegue reconhecer facilmente relações homoeróticas femininas. Ele é autor de um poema sobre o tema, “Amor de fêmeas” (BRAGA, 2010).

reconhecido por ter auxiliado a publicação das poesias de Maria da Cunha, o livro *Trindades*, com os prefácios autorizadores do Conde de Monsaraz e de Júlio Dantas, em sentido texto pelo falecimento da afilhada literária, narra o diálogo de sua despedida para o Brasil:

- Sabe? estou resolvida a ir viver no Brasil.
- Viver de quê?
- Do ensino, da imprensa... Se fôr mal sucedida, acaba-se com isto.
- Aos trinta anos e com as suas aptidões, não há razão para esmorecer de todo.
- Pois vou. Parto no primeiro pacote.

Assisti ao embarque, e, em volta de mim, vi apenas uma irmã e uma tia. Da gente da imprensa, dos seus colegas em letras, estava eu. (FIGUEIREDO, 1917, p. 211).

A ausência de Quaresma nesse relato oculta mais uma vez a relação mantida entre as duas. É fenômeno semelhante ao que Fernando Curopos (2011) descreve ao analisar as memórias de Olga Morais Sarmiento por esta autora evitar narrar seus relacionamentos íntimos com mulheres e mesmo por ocultar alguns nomes que lhe eram próximos. A própria Quaresma não aparece no relato da Olga sobre o Brasil, que indica apenas um dos diretores d’*A Epoca*, o Visconde de Ouro Preto, como responsável por sua colaboração naquele jornal, atividade “largamente paga” (SARMENTO, 1948, p. 197). Afinal, Anna Klobucka, baseada no conceito de Terry Castle sobre uma associação entre fantasmas e lésbicas que as torna ao mesmo tempo invisíveis e ameaçadoras, demonstra, a partir da análise de uma passagem de estudo sobre Maria Lamas⁴ publicado em tese

⁴ Trata-se da dissertação de Maria Antónia Fiadeiro, *Maria Lamas (1893-1983), uma mulher jornalista*. Tentativa e tentação biográfica. Diss. de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres. Lisboa: Universidade Aberta, 1999.

sobre Virgínia Quaresma⁵, como esta mantinha relações amorosas com mulheres e, por isso, a família de Lamas criticava sua proximidade com a então diretora da Agência Americana em Lisboa. Logo, a orientação sexual da Quaresma era publicamente conhecida, ao menos nos anos 1920. A revista satírica – e homofóbica, diga-se de passagem – *Sempre Fixe* simula entrevistas com algumas mulheres conhecidas sobre um concurso de beleza feminina. A resposta da Virgínia a classifica como mulher feia⁶: “– Só peço que se não lembrem de mim!”. Enquanto a falsa entrevista com Judith Teixeira, alguns anos depois do escândalo da Literatura de Sodoma⁷, traz um trocadilho entre o período do ano e o sobrenome:

- A ideia do concurso será interessante. Mas é um perfeito Carnaval...
- E V. Ex.^a não gosta do Carnaval?...
- Prefiro a quaresma... (*Sempre Fixe* n. 45, 31/03/1927, p. 6).

Os silêncios impostos sobre a sexualidade feminina, “uma autocensura, um espaço de sombra, esquizofrenizante, de presença e ausência” (AMARAL apud ALMEIDA, 2010, p.105), para citar a fala de Ana Luísa Amaral no livro da São José de Almeida, fazem

⁵ Os comentários são feitos sobre a dissertação de Maria Augusta Anselmo Seixas, *Virgínia Quaresma (1882-1973). A primeira jornalista portuguesa*. Diss. de Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2004.

⁶ Também no Brasil ela foi qualificada dessa forma. Orestes Barbosa, no artigo “A mulher e a dança nas letras” no qual assume que sempre teve “certa prevenção com as mulheres intelectuaes”, pois mulher “para escrever não serve”, comenta sobre duas jornalistas que conheceu: “Quando eu caí na vida conheci duas reporters: uma era a Virgínia Quaresma. A outra era bonita como quê. Perto da Virginia a Zilah Monteiro é Zézé Leone” (1925, p. 8), em referência à modelo que venceu o Concurso Nacional de Beleza, em 1923.

⁷ Sobre essa questão, ver Lugarinho (2004).

com que não se possa confiar nas memórias publicadas de quem viveu esse período. Além do já citado caso da Olga Sarmiento, podemos ver nas da atriz Adelina Abranches, repleta de passagens sobre o Brasil, um distanciamento entre o que ela escreve sobre Maria da Cunha e Quaresma. Aquela surge somente num breve relato de quando a conheceu, em Lisboa, indicando que fora ela que lhe apresentara Cacilda de Castro, “outra poetisa também muito curiosa, alma sensível, coração complicado...”⁸ (ABRANCHES, 1947, p. 229). Sobre Virgínia, Adelina Abranches relembra a famosa entrevista que fez com que ela fosse tomada por monarquista crítica do novo regime e, por isso, atacada nos palcos do Porto ao retornar ao seu país. Adelina conta que apenas tivera com a jornalista conversas particulares quando ceavam juntas numa leitaria do Hotel Avenida, onde estavam ambas hospedadas. Contudo, a entrevista havia sido publicada com fotografias de Quaresma no camarim do teatro (fig. 1) (*A Epoca* n. 278, 04/05/1913, p. 2). Além disso, a própria Virgínia Quaresma, ainda em 1918, ao ser entrevistada em Lisboa por Reynaldo Ferreira, afirma: “Um dia, em Paris, sugeriu-me a ideia de atravessar o oceano e ir exercer a minha profissão até ao Brazil, cujos encantos alguém me acabára de descrever.” (FERREIRA, 1918, p. 5). Teria sido uma forma de silenciar sua partida de Lisboa com a já falecida Maria da Cunha?

8 Provavelmente, uma indicação de que Cacilda de Castro também tinha relações com mulheres. Nas mesmas memórias, ao comentar sobre Paulo Barreto (João do Rio), Adelina Abranches conta que ele “tinha *requintes* estranhos, em matéria de amor” (1947, p. 282).



FIGURA 1 – Adelina Abranches sendo entrevistada em seu camarim por Virgínia Quaresma.

Fonte: *A Epoca* n.278, 04/05/1913, p. 2.

A Virgínia Quaresma, além de ter recebido mais visibilidade com sua chegada, foi a primeira a conseguir emprego. A estratégia utilizada foi se apresentar em redações de diversos jornais. Logo dois dias após o desembarque, as duas visitaram a redação do *Jornal do Brasil*, “tendo procurado ambas conhecer toda a instalação desta folha, percorrendo as suas diversas instalações” (19/09/1912, p. 11). Em seguida, Virgínia visitou, ao que tudo indica, sem a companhia da poetisa, as redações d’*A Noite* e d’*A Imprensa*, acompanhada do secretário da Associação de Imprensa, Nogueira da Silva, e a do *Portugal Moderno*, no qual Ana de Castro Osório tinha posição de pres-

tígio e conseguira atrair como colaboradoras efetivas Maria Evelina de Sousa e Teresa Franco, ambas da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas⁹. No jornal dos imigrantes portugueses, Quaresma encontrou um conterrâneo alentejano na direção, amigo de seu pai, mas isso não foi suficiente para garantir trabalho naquela folha, que anunciava:

Esta nossa illustre compatriota, além de ficar sendo a correspondente do *Diario de Noticias* e de *A Capital*, de Lisboa, tenciona trabalhar em jornaes daqui. (...) Vem a proposito esclarecer que a sra. D. Virginia Quaresma fica sendo o primeiro “repórter” feminino do Rio de Janeiro. (*Portugal Moderno* n. 626, 26/09/1912, p. 2).

Logo no dia 27, *A Epoca* anunciava a contratação de Virgínia Quaresma, estampando o que classificavam como “uma nota de modernismo na imprensa carioca”, a fotografia da jornalista na sua mesa de trabalho na redação (fig. 2). Essa mesma imagem foi republicada em outros periódicos quando se referiam a ela e outras vezes na própria *Epoca* e indicava para o dia seguinte a publicação de *interview* com o senador Pinheiro Machado, líder do P. R. C., conhecido por não conceder entrevistas. Isso indica que Virgínia já estava contrata-

9 Apesar de amiga de Ana de Castro Osório, nem Virgínia Quaresma nem Maria da Cunha se empregaram no *Portugal Moderno*, talvez por Virgínia na época ter optado por não se vincular tão estreitamente à colônia portuguesa no Brasil. Em passagem por Lisboa em 1914, *A Capital* compara os jornalistas portugueses que acabavam desiludidos por terem aceitado “escrever acerca de Portugal”, convite que lhe fora feito, mas que ela recusara, “João do Rio escreveu isso mesmo n’uma chronica a respeito da nossa compatriota: chegaram a oferecer-lhe, por cada artigo explorando assumptos portugueses de actualidade, 50\$000 rs. – que ella recusou nobremente” (*A Capital* n.1344, 18/05/1914, p.1). Eram de fato muitos no Rio de Janeiro naquele período. Jayme Victor comenta isso no *Jornal do Brasil*, indicando a presença de 42 profissionais de imprensa portugueses na capital, indicando apenas duas mulheres: Virgínia Quaresma e Maria da Cunha (VICTOR, 1913, p.10).

da antes dessa data. O anúncio também indicava que ela fazia outros trabalhos de cunho político, como de fato o fez, entrevistando personalidades brasileiras e portuguesas, tais como membros do Grêmio Republicano Português, Rui Barbosa, Mário Hermes e Nilo Peçanha, Olga Morais Sarmiento, Antônio Guimarães e Adelina Abranches.



FIGURA 2 - Virgínia Quaresma na mesa da redação d'A Epoca.

Fonte: *A Epoca* n. 59, 27/09/1912, p. 3.

O estilo de trabalho de Virgínia Quaresma n'A Epoca e em outros jornais, identificando-se como membro da redação das folhas em que trabalhava, dificulta a localização de seus textos. Os colaboradores e as colaboradoras enviam suas produções para os periódicos e podem

assiná-los, mesmo que com pseudônimos ou apenas iniciais, estratégia muito utilizada por escritoras ao longo do século XIX. Como os homens da redação não assinavam seus textos, Virgínia também não o faz. Por isso, além das entrevistas e de poucos textos mais, dificilmente será possível atribuir a ela a autoria do imenso trabalho que ela executava diariamente nesse jornal. Há, claro, aqueles que a própria jornalista mais tarde indicou terem sido fruto de sua pena, na perspectiva de exaltar seu pioneirismo, sua capacidade intelectual e investigativa, e mesmo de receber os louros pelo resultado bem-sucedido de suas ações, como no caso da prisão de João Barreto e no da blague que ela montou para simular a fuga de um ladrão que acusava a polícia de ter sumido com o dinheiro recuperado. A leitura atenta d’*A Epoca* revela que ela também atuou ativamente na cobertura da greve dos fogueiros do Lloyd, a ponto de receber aplausos dos trabalhadores reunidos quando suas demandas foram atendidas.

Além disso, duas longas matérias de página quase inteira sobre a moda, ilustradas com diversas fotografias, podem ser atribuídas à Virgínia Quaresma ou à Maria da Cunha: “Elegancias e mundanidades”. A primeira traz o subtítulo “A cronista d’*A Epoca* examina os últimos modelos do Palais Royal”. A segunda dedica-se à moda da Casa das Fazendas Pretas. Esse tipo de composição surge como novidade nesse jornal e é algo pelo qual Virgínia Quaresma acabou sendo reconhecida ao retornar a Portugal, o que poderíamos classificar como informe publicitário. A primeira termina com o relato da composição, após entrevista com o gerente da loja, indicando a atuação externa da cronista que escreve suas notas no momento da reportagem:

Damos ainda uma volta pela galeria, fixamos notas gerais de alguns dos modelos expostos, que o reporter photographico d’*A Epoca* focaliza, e deixamos, em seguida, uma impressão de agradável sabor esthetico o Palais Royal, apressando-nos a vir lançar no papel estas pálidas linhas que, por certo, as nossas gentilíssimas leitoras acolherão com um sorriso... (*A Epoca* n. 83, 21/10/1912, p. 3).

Essa atuação da cronista na rua para cobrir as novidades da moda como se fosse um furo de reportagem, a escrita em notas no momento do fato, a apresentação do assunto em forma de entrevista, leva-nos a crer ser mais provável que esses textos sejam da Virgínia Quaresma do que da Maria da Cunha. Inclusive por a cronista não parecer entender muito de moda e não conhecer previamente as duas casas comerciais. É de se sublinhar as perguntas um tanto quanto vagas da entrevistadora, deixando os entrevistados falarem quase espontaneamente, após uma apresentação do ambiente, tal como Quaresma fazia suas outras entrevistas nesse jornal. No entanto, é preciso admitir que Maria da Cunha também revela percorrer as ruas da capital brasileira. Em uma de suas primeiras crônicas, “Modulações do branco”, narra seu passeio numa tarde de sábado “pela Avenida Rio Branco, moderna e movimentada como um ‘boulevard’ parisiense, e pela rua do Ouvidor de aristocráticas tradições”, em meio a “uma multidão brilhante e compacta” que se estende “para a orla do mar”, do qual só retorna “às horas repoisadas em que o poente se tinge de violeta” (CUNHA, 1912, p. 1).

Por ser repórter, perfil de jornalista ainda novo no Brasil, com João do Rio apontado como um dos principais nomes com esse perfil, por ir para a rua em busca da notícia, em vez de aguardar no escritório da redação, a presença de Virgínia Quaresma na imprensa brasileira foi considerada um marco do feminismo. Inclusive, outras folhas também criticavam a atuação da portuguesa. N’A *Vida Moderna*, de São Paulo, a coluna “Bom Humor” ridicularizou o modo como Virgínia realizara a entrevista a Pinheiro Machado: “O feminismo avança. (...) agora, no Rio, um jornal, a ‘Época’, tirou a reportagem política a um dos seus redactores, para a confiar a uma mulher” (MAROLE, 1912, p. 16). O *Jornal de Recife*, ao comentar a entrevista com Nilo Peçanha, a alcunhou de “reportress” (07/11/1912, p. 1). Em maio de 1914, ao relatar o insucesso da missão “de outra ‘reportiza’, na imprensa carioca”, Eugênia Brandão, o *Correio da Noite* indica-a como uma

seguidora da “blague” criada por Quaresma: “O feminismo, na imprensa carioca, dará bons resultados? Póde vir a dar, não há duvida. Mas, ainda não deu.” (A., 1914, p. 1). Por outro lado, n’*A Epoca*, a atuação de Eugênia foi louvada como “ardilosa”, com reprodução de seu retrato de terno, gravata e chapéu masculinos, no artigo “O feminismo triumpho entre nós? A audácia de uma ‘reporter’ brasileira”, que conclui acirrando a competição entre as duas repórteres: “Virginia Quaresma, quando retornar da sua viagem ao Velho Mundo, encontrará uma rival perigosíssima...” (*A Epoca* n.630, 16/05/1914, p. 2).

Antes disso, Abner Mourão, sob seu pseudônimo feminino Isabella Nelson¹⁰, n’*O Paiz*, para criticar a realização de um congresso de jornalistas no Brasil pela “resistência organizada em todo o Brazil contra as mulheres” (NELSON, 1912, p. 1), que teria impedido Júlia Lopes de Almeida de ingressar na Academia Brasileira de Letras e ela própria de ser sócia da Associação de Imprensa. Mourão, ou melhor, Isabela Nelson, destaca:

as mulheres já fazem jornalismo activo no Rio de Janeiro; não se limitam a colaborar nos jornaes escrevendo de casa e comodamente um artigo por semana, como agora no meu caso. D. Virginia Quaresma faz na *Época*, com proveito e com brilho, reportagens diárias. (NELSON, 1912, p. 1).

Todo esse destaque, positivo ou negativo, deve ter possibilitado à Virgínia Quaresma a indicação de outras escritoras como colaboradoras d’*A Epoca*, começando por sua companheira, Maria da Cunha, mas também Angelina Vidal e Olga Morais Sarmiento.

10 Abner Mourão e Virgínia devem ter criado alguns laços de amizade. Os dois participaram juntos, no carnaval de 1914, de um bloco de “travestis”, no qual ele desfilou vestido de Isabella Nelson e ela de José de Alpoim, entre outros (*O Paiz* n. 10732, 24/02/1914, p. 3).

Apoio a escritoras

Olga Morais Sarmiento (fig.3), ao retornar da digressão que fazia à Argentina e ao Uruguai, é festejada por Quaresma numa entrevista (QUARESMA, 27/10/1912, p. 1) sobre a intelectualidade feminina em Portugal. O texto, acompanhando o retrato de Olga, é repleto de reminiscências das amigas na juventude, quando as duas adolescentes praticavam juntas sobre poesia, filosofia e inglês enquanto enganavam a tutora:

Conheci-a na phase mais feliz da minha adolescencia, quando a phantasia me vogava pelo immenso mar azul do sonho e, erguendo-se alto, muito alto, via desassombradamente em cada ponto luminoso um mundo de esplendores a conquistar... Conhecia-a quando de livros debaixo do braço, de cabellos ao vento e de espirito irrequieto, vibrando e faiscando na leitura da philosophia clara e divina de Platão, eu julgava serem unicos principes da terra os sabios e os artistas, os perarios da Idéa e os amantes do Sentimento. Estudamos juntas a melodiosa lingua de Byron e, não raras vezes, para decorarmos e recitarmos versos de Junqueiro, de Gomes Leal e de Alexandre da Conceição, tivemos de recorrer ao processo da cabula e illudir a bôa fé de uma *miss* loira como um trigal e docemente fleugmatica que se considerava obrigada a supportar-nos tudo porque, num dia de inspiração, lhe haviamos escripto no tradicional album de poesias um pensamento em estylo redundante. (QUARESMA, 27/10/1912, p. 1).



FIGURA 3 - Olga de Morais Sarmiento. Fonte:
A Epoca, Rio de Janeiro, 27/10/1912 p.1.

Apesar do perfil discreto e alheio a confidências que as mulheres com casos amorosos homossexuais seguem nessa época, como aponta Curopos (2016), não é possível desconsiderar esse relato das duas jovens seduzindo a preceptora, que obviamente se deixou facilmente seduzir.¹¹ Somente depois desse depoimento de estreita amizade é que a entrevistada passa de fato a comentar sobre algumas escritoras portuguesas, do passado, da geração anterior e da delas, na qual inclui as poetisas Maria da Cunha e Branca Colaço, indicando outros nomes em meio à conversa. Nem no relato nem na entrevista, as duas comentam que também se encontraram nos Açores, quando Olga viveu lá durante a campanha do marido militar em África, mas a entrada de Quaresma no álbum de Olga revela mais esse laço íntimo entre as duas:

Um álbum é sempre um espelho onde se reflectem os mais íntimos pensamentos d'alma: ler esse livro sacrário é conhecer os perfumes inebriantes, os encantos divinos, que se desprendem como pétalas de flores, do talento e bellezas do seu possuidor.

S. Miguel 22/VIII/900.

Virgínia Quaresma¹²

¹¹ Fernando Curopos repara que certas mulheres da época seguiram o caminho de personagens do romance *Saphicas* (1902), de Alfredo Gallis, partindo para viver seus amores fora da pátria, longe do olhar social que as cerceava, indicando, como exemplo, Virgínia Folque de Castro e Almeida (1874-1945) que viverá em Paris com a escultora inglesa Pamela Boden (1905-1981) e Virgínia Quaresma no Brasil com Maria da Cunha. No mesmo romance, como também no *Nova Safo* (1912), do Visconde Vila-Moura, personagens preceptoras inglesas que iniciavam as jovens nos prazeres lésbicos.

¹² O álbum do período açoriano faz parte do espólio de Olga Morais Sarmiento que pertenceu a Tomás Ribeiro Colaço.

No dia 28 de dezembro daquele ano, há um almoço em homenagem à Virgínia Quaresma e à Maria da Cunha, oferecido pela diretoria da Associação de Beneficência Portuguesa, com participação da Olga Morais Sarmiento. Maria da Cunha acabou por não comparecer por estar doente (*A Epoca* n. 153, 30/12/1912, p. 4). Estaria com ciúmes a ponto de não querer ver mais uma vez juntas Virgínia e a jovem viúva Olga Sarmiento? Quando esta retorna à Europa no “Avon”, *A Epoca* anuncia que ela havia sido contratada como correspondente em Paris, cargo que desempenhou por pouco tempo (o primeiro texto é publicado a 06/04/1913 e o sexto e último sai a 15/06/1913) por ter sido ameaçada pelo governo português de perder sua pensão se continuasse colaborando com um jornal que consideravam de oposição. De mais a mais, a situação política em Portugal e a constante censura é a causa apontada pela transferência de diversos jornalistas portugueses para o Brasil nos primeiros anos da república, questão talvez mais impactante, no caso de Quaresma, do que leis de repressão à homossexualidade, pois, afinal, ela volta diversas vezes a seu país e teve ainda outros casos amorosos lá.

É a repressão política justamente o tema que também sobressai das cartas de Angelina Vidal. Outros jornalistas mais se juntaram aos 42 já apontados por Jayme Victor. Virgínia Quaresma, inclusive, participa de entrevista e matérias sobre Pinto Quartim (fig. 4), expulso de Portugal por ter sido identificado pelo governo português como brasileiro e de oposição. Angelina Vidal, apesar de não ter se deslocado ao Rio de Janeiro, também consegue apoio da repórter portuguesa para uma colaboração n’*A Epoca*. Logo a 13 de outubro de 1912, Virgínia Quaresma faz uma apresentação de Angelina para o público carioca, reclamando da “ingratidão dos que mandam em Portugal”, título de seu artigo, por deixarem uma escritora democrática no ostracismo. A antiga escritora republicana havia se desentendido com os líderes do novo regime

antes mesmo do 5 de outubro de 1910 e estava com dificuldades financeiras há alguns anos, como a jornalista relata ao recordar seu período n’*O Século*. Angelina Vidal publica no periódico carioca 52 textos, sendo 46 como correspondência de Lisboa, entre 20/11/1912 e 30/11/1913.¹³



FIGURA 4 – Pinto Quartim n’*A Epoca*, ao lado de Virgínia Quaresma.

Fonte: *A Epoca* n.402, 05/09/1913, p. 1.

A poetisa Maria da Cunha recebe, já no número de 6 de outubro de 1912, um elogio crítico ao seu livro, acompanhado de seu retrato e de dois de seus poemas. Seu primeiro texto, “O calendário aqui e

¹³ Sobre essa colaboração, Eduardo da Cruz escreveu “Relatos do medo: a República portuguesa nos textos de Angelina Vidal para o jornal carioca *A Epoca* (1912-1913)” a ser publicado no volume *As Mulheres e a Imprensa Periódica*, pelo CLEPUL.

àlêm Atlântico”, datado de 9 de outubro, sai publicado no domingo 13 do mesmo mês, o que nos leva a crer que o contrato com o jornal, por não ser ela uma jornalista como Virgínia Quaresma, deve ter começado em outubro de 1912. Além de poemas, Maria da Cunha publicava alguns artigos culturais, crítica literária e uma série intitulada “Cartas para longe”, como correspondente de Portugal às avessas. Em março de 1917, Hermes Fontes, antigo colega d’*A Epoca*, escreve para o *Correio Paulistano*, no dia seguinte transcrito n’*O Paiz*, um panegírico no qual se revela que Maria da Cunha também acumulava as funções diretora dos suplementos literários do jornal: “Ella nos aparecia, de dia e á noite, a rever provas, a organizar paginas, a adaptar ‘clichés’, a desdobrar-se, a multiplicar-se, apesar do seu corpozinho pesado a se mover por saltinhos de tico-tico...” (FONTES, 1917, p. 1). Esse suplemento, usualmente publicado aos domingos, quando a edição do jornal era mais volumosa, onde por vezes apareciam pequenos textos não assinados, mas podemos intuir ser da pena da diretora, acompanhando reproduções de pinturas e notícias culturais, é interrompido no final de julho de 1914, sendo a seguir substituídos por notícias da 1ª Guerra Mundial. Ainda em julho, o jornal noticia e comenta a conferência “A Canção na Música e na Literatura da Europa”, no salão nobre do *Jornal do Commercio*. O último texto de Maria da Cunha publicado n’*A Epoca*, as duas primeiras partes de “Feminismo e sufragismo”, de 10 e 24 de maio de 1914, num tom de moderação, combatendo os que menosprezavam o movimento e atacando o que lhe parecia excessivo, não viu a prometida conclusão. Nesse artigo, além de criticar as ações das sufragistas inglesas, Cunha ataca as mulheres que imitavam os homens, “ainda mais risível que imita as modas e os gestos masculinos” (CUNHA, 10/05/1914, p. 1). A falta de finalização pode ter sido talvez sinal de fim do contrato, talvez pela ausência de apoio da Virgínia, que estava na Europa a serviço já de seu novo empregador, o *Correio da Manhã*, “em virtude do suf-

fragio unanime do corpo redactorial d’aquelle diário” (*A Capital* n. 1344, 18/05/1914, p. 1), visitando Londres e Paris em missão solicitada pelo novo presidente de polícia da capital federal para estudar “a questão da mendicidade e da vadiagem infantil, cuja regulamentação vae ser feita no Rio de Janeiro” (*A Capital* n. 1344, 18/05/1914, p. 1). Deve ter sido por essa altura o término do relacionamento de Maria da Cunha com Virgínia Quaresma, que retornou de viagem, chegando no paquete “Amazon” no dia 1º de junho daquele ano, na companhia da escritora Emília Sousa Costa¹⁴.

É importante indicar que Maria da Cunha (fig. 5) também fizera uma viagem a Portugal nesse período, saindo do Rio de Janeiro no “Sierra Nevada” em agosto de 1913, prometendo retornar em outubro, mas só voltando no “Desna”, desembarcando no dia 25 de dezembro daquele ano, acompanhada da filha de 11 anos, Maria Magdalena Cunha Zorro. Logo, com filhos¹⁵ para sustentar, com o fim de seu contrato n’*A Epoca* e sem ter recebido novo apoio para trabalhar em outro jornal com Virgínia Quaresma, Maria da Cunha começa a proferir conferências, primeiramente no Rio de Janeiro, depois em São Paulo, tanto na capital quanto no interior e no litoral daquele estado, deslocando-se constantemente entre as duas cidades. Seguiu assim até conseguir uma posição como professora e passar a viver em São Paulo com a também portuguesa Anna Villalobos Galheto, senhora casada, com filhas, mas que já vivia com a professora

14 Ainda não sabemos os motivos da viagem de Emília Sousa Costa ao Brasil em 1914 nem o que ela fez aqui, pois não localizamos ainda nenhuma notícia sobre suas atividades no Rio de Janeiro além do desembarque. Curiosamente, o relato de sua viagem com o marido Alberto de Sousa Costa em 1923 simula um deslumbramento como se fosse a primeira vez que avistasse o Rio de Janeiro para a realização de um “sonho antigo” (COSTA, 1925, p. 33).

15 Além da Maria Magdalena, por vezes chamada de Maria da Cunha Motta, o casal Maria da Cunha Zorro e António Saldanha da Motta teve um menino, Ruy Vasco Saldanha da Motta, que também imigrou para o Brasil e constituiu família.

e poetisa Eunice Caldas, até falecer, na madrugada do dia 1º de janeiro de 1917¹⁶, na Santa Casa, em São Paulo.

A portuguesa Anna Villalobos Galheto, em seu livro *O Genio da Raça* (1924), dedica um capítulo à Virgínia Quaresma e mais um por sua atuação na exposição de 1922, além de ter escrito sobre diversas personalidades, porém outras escritoras ganham destaque ali. A mais visível, por ter utilizado a própria pena, é Eunice Peregrina de Caldas, por assinar o prefácio. Afinal, trata-se de uma publicação casada com o livro *Amphitrite*, de Eunice, que sai no mesmo ano, pela mesma editora, com prefácio de Galheto. Contudo, é Maria da Cunha o objeto de quatro capítulos. O primeiro, datado de março de 1917, antecede imediatamente o dedicado à Quaresma. Há ainda o “Noute de Insomnia”, de 2 de janeiro de 1919; “Carta Aberta” a Henrique Ferreira Lima, de 1922; e “O ‘Livro da Noute’”, após um ano de falecimento da poetisa. Todos quatro, além de louvarem os talentos de Maria da Cunha, refletem o sofrimento em Galheto pela morte daquela que “partio em toda a pujança de sua força creadora, talvez, quando a vida mais lhe sorria, por ter encontrado em sua brilhante trajetória – a irmã gemea de seu ideal, ainda, málf compreendido...” (GALHETO, 1924, p. 256). Quem seria essa “irmã gêmea de seu ideal”, Ana Galheto ou Eunice Caldas?

16 Todos os textos que consultamos indicam o falecimento de Maria da Cunha como ocorrido a 10 de janeiro, repercutindo a data do telegrama enviado do Rio de Janeiro para Lisboa noticiado nos jornais portugueses. Claro equívoco. Tanto o atestado de sepultamento, quanto a primeira notícia no Rio, na *Gazeta de Notícias* n.2, de 02/01/1917, o confirmam. Além disso, é necessário suspeitar da data de nascimento da escritora. Os registros oficiais, como o de batismo realizado a 2 de janeiro de 1873 na freguesia de São Vicente, indicam que ela nasceu às 4 horas da manhã do dia 18 de outubro de 1872, no palácio do Largo das Portas do Sol n.º 5, onde seus pais residiam. No entanto, *A Epoca* comemorou seu aniversário em abril, publicando, inclusive, sua fotografia, primeiro no dia 16/04/1913, depois no dia 17/04/1914.



FIGURA 5 – Maria da Cunha.

Fonte: Acervo familiar do bisneto de Maria da Cunha.

Com isso, desfazemos a ilusão propagada em alguns textos, de que Virgínia Quaresma teria voltado a Portugal em 1917, pouco tempo após a morte de Maria da Cunha. Na verdade, Quaresma retornou a seu país muito antes do falecimento da mulher que a acompanhou ao Rio. Seu embarque para a Europa, no “Tubantia”, foi no dia 5 de maio de 1915.

As despedidas de Virgínia Quaresma do Brasil se dão na forma de um festival artístico, já anunciado pela *Gazeta de Notícias* a 14/04/1915, quando divulgam que após ter feito parte das redações d’*A Epoca*, do *Correio da Manhã* e daquela folha, Virgínia retornaria a Portugal. Deixaram de indicar que ela também foi correspondente do Rio de Janeiro no *Jornal de Santos* (contratada em maio de 1913). O programa fora publicado previamente por diversas folhas. A “*Matinée no Trianon*”, realizada no dia 26 de abril de 1915, foi um festi-

val diverso, com destaque para as presenças dos escritores Emílio de Menezes e Bastos Tigre, dos jornalistas Nogueira da Silva e Agripino Nazareth, do artista português Alexandre Azevedo cantando canções de seu país, Emma de Souza dizendo versos de João de Barros, e a “rainha do tango”, Maria Lina, dançando com Beatriz Cervantes. “No recinto do teatrinho ‘chic’ da Avenida achava-se uma assistência fina e brilhante, onde as ‘toillettes’, as plumas e as joias das senhoras, davam uma nota de fino e apurado encanto.” (*Gazeta de notícias* n.117, 27/04/1915, p. 4). Afinal, Maria Lina e Alexandre Azevedo foram impedidos de comparecer pelo empresário dos teatros onde trabalhavam, mas foi exibida a comédia “O língua de fora”, interpretada pelos artistas da companhia Christiano de Souza (*Correio da Manhã* n. 5906, 27/04/1915, p. 4). Para terminar, uma “vibrante alocução” da própria Virgínia Quaresma, que “declamou uma admirável poesia, numa voz forte, clara e bem timbrada” (*Gazeta de notícias* n.117, 27/04/1915, p. 4).

Feminismo e propaganda nacional

Sua despedida não foi a primeira aparição pública de Virgínia Quaresma nos palcos brasileiros. Ainda no final de 1912, falando de improviso numa associação portuguesa, provavelmente na festa em sua homenagem na Beneficência, discursou sobre “As mulheres de hoje”, cujo texto, transcrito n’*A Epoca*, reflete sua preocupação com a abertura de espaços profissionais às mulheres (QUARESMA, 26/01/1913, p. 1). Em 12 de junho de 1913, no salão nobre da Associação dos Empregados no Comércio, em festa promovida pelo Centro Rio-Grandense do Norte para glorificar o nome de Miguel Joaquim de Almeida Castro (Frei Miguelinho), proferiu a palestra literária “A mulher moderna – especialmente a mulher nortista” (*O Imparcial* n. 192, 14/06/1913, p. 6). No dia 15/02/1914, na sessão solene realizada na Sociedade Beneficente Memória aos Heróis Portugueses e Rainha

Santa Isabel, “Foi dada então a palavra á Sra. D. Virginia Quaresma, a oradora official, que pronunciou um vibrante discurso, enaltecendo os heróes portuguezes e a Rainha Santa Isabel, patronos da sociedade.” (*Jornal do Brasil* n.47, 16/02/1914, p. 6). E um festival artístico, no Teatro João Caetano, em Niterói, na presença do presidente do estado, Nilo Peçanha, no dia 21/03/1915, com a seguinte programação:

A Sra. D. Virginia Quaresma fará uma conferencia sobre a “Influencia social da mulher”, havendo tambem um numero de fados e canções portuguezas pelo distincto amator portuguez Sr. Mattos Alves.

A festa terminará com uma surpresa, depois dos dois illustres jornalistas Drs. Alexandre de Albuquerque e Luiz de Moraes Carvalho se baterem num duello literario em que respectivamente versarão estes curiosos temas: - “As mulheres julgados pelos homens”, e “Os homens julgados pelas mulheres”. (*O Fluminense* n. 9452, 14/03/1915, p. 2).

Essas palestras pronunciadas em eventos diversos parecem seguir dois caminhos distintos. Por um lado, a valorização e a divulgação do feminismo, por outro, um nacionalismo latente talvez influenciado pela participação de Portugal na Grande Guerra.

Após sua partida, a imprensa brasileira parecia aguardar o retorno da primeira repórter. Em julho de 1916, portanto, mais de um ano depois da sua despedida, alguns jornais começaram a anunciar seu pronto retorno, divulgando breve telegrama da Agência Americana do dia 9 daquele mês. *A Epoca* chegou a publicar pequeno retrato de sua antiga redatora, regozijando-se com a notícia, mas lamentando perder “as cartas que, de Lisboa, estava encarregada de lhe mandar” (*A Epoca* n. 1460, 16/07/1916, p. 1). No entanto, tudo indica que Virgínia não retornou nessa época. Não encontramos notícias de sua chegada ou colaboração local. Além disso, seguindo *A Capital*, de Lisboa, ao longo do segundo semestre daquele ano, sabemos que em agosto ela

vai ao teatro República, em Lisboa, com Ana de Castro Osório e a escritora espanhola Carmem de Burgos (*A Capital* n. 2150, 09/08/1916, p. 2), e que, acompanhando uma série de artigos sobre misticismo publicada naquele jornal por Hermano Neves, Quaresma faz publicar um trecho de suas memórias sobre o período em que viveu no Rio, sobre como desvendou o feminicídio¹⁷ de João Barreto em Niterói (QUARESMA, 1916, p. 2). Nesse período português, Virgínia parece quase uma embaixatriz brasileira em Lisboa, por receber, como representante da Agência Americana, uma série de políticos, jornalistas, escritores e artistas brasileiros de passagem pela capital portuguesa¹⁸.

Quando de fato Virgínia Quaresma retorna ao Brasil, em 9 de agosto de 1922, no pacote “Pedro Nunes”, vem “em caracter official, dirigirá os trabalhos de propaganda e da publicidade da exposição, devendo ainda percorrer todo o Brasil, para organizar o catalogo official da exposição e o *Livro de Ouro*” (*O Paiz* n. 13808, 10/08/1922, p. 3). Ela era, portanto, a responsável pelas relações públicas de Portugal na exposição do centenário de independência. No entanto, acabou se envolvendo mais uma vez em assuntos feministas e nacionalistas, acompanhando a agenda intensa que seu cargo lhe obrigava. Nos poucos meses no Rio de Janeiro, foi recebida pela Associação Brasileira de Imprensa, que lhe ofereceu sua sede para que ela desempenhasse seus trabalhos; acompanhou os socorros às vítimas

17 Isabel Lousada (2014) discute essa atuação de Quaresma em seu texto.

18 Sua presença nessas situações era tão certa a ponto de Paulo Barreto, preocupado que os jornalistas brasileiros Antônio Torres e Salvador Santos fossem bem acolhidos em Portugal após insultarem os portugueses no Brasil, chega a escrever ao colega João de Barros recomendando: “Fala aos jornais, impede os intempestivos engrossamentos da Virgínia, move essa amada Lisboa. Mas não consintas q. se abra bico, q. se dê guarida a esses tunantes” (BARRETO, 2015, p. 218). Quaresma, que também trabalhou no jornal de defesa dos portugueses no Brasil criado por João do Rio, *A Pátria*, é por vezes chamada de “Virgínia Americana” (BARRETO, 2015, p. 223), devido a seu posto na agência de notícias.

do desabamento do pavilhão português que estava em construção; foi um dos primeiros representantes da imprensa estrangeira a se registrar na nova sala de imprensa do senado no Palácio Monroe; participou das comemorações do centenário da imprensa no Brasil; saudou mais uma vez a imprensa carioca, em almoço festivo a bordo do “Porto”; assistiu, com Ana de Castro Osório, que também se encontrava no Rio, ao discurso do comissário geral do governo português na exposição, na sede do Grêmio Republicano Português; foi entrevistada, no Hotel Avenida, pela *Revista da Semana*, juntamente com Ana de Castro Osório e com Irene de Vasconcelos; foi homenageada pela Câmara Portuguesa de Comércio com almoço na prestigiosa Confeitaria Colombo; e participou de sessão comemorativa da revolta do Porto, no Centro Português Afonso Costa. Destacam-se, entre suas atividades no Rio de Janeiro nesse período, sua presença na conferência “O idealismo da raça lusitana, sempre heroica, sempre moça”, que Ana de Castro Osório proferiu no mesmo Centro Afonso Costa no dia 19 de novembro de 1922, em sessão presidida pela escritora Madame Chrysanthème (Maria Cecília Bandeira de Melo Vasconcelos), tendo Virgínia aberto a sessão com “rápido, mas brilhante discurso” (*O Brasil* n. 208, 21/11/1922, p. 8), o qual, apesar de não publicado, deve tê-la aproximado dos ideais nacionalistas então propagados pela colega portuguesa; e a colaboração ativa no Congresso pelo Progresso Feminino, presidido pela feminista brasileira Bertha Lutz. Nesse congresso, Virgínia Quaresma integrou a comissão de trabalho “Carreiras apropriadas à mulher” (*Jornal do Brasil* n. 299, 15/12/1922, p. 6).

Nacionalismo e subalternização feminina

Com todo o *know-how* adquirido na década de 20, a bordo do “Massília”, no dia 25 de agosto de 1933, Virgínia Quaresma chega ao Rio de Janeiro para atuar na organização e na divulgação da *Semana*

Cultural Portuguesa. O evento, uma iniciativa do jornal lisboeta *O século* em consórcio com a folha carioca *A Noite*, tinha como tônica comprovar que a “raça” lusitana era indispensável para o sucesso do Brasil, uma vez que “entranhadamente ama(va) o progresso”, e “trabalha(va), com disciplina e quase desinteresse, pelas prosperidades da terra alheia, como se fosse sua”, como afirmou Oliveira Salazar no discurso transmitido por rádio na cerimônia de encerramento (*A noite* n.7871, 23/10/1933, p. 3).

Contudo, Virgínia Quarema não era a única escritora vinda de Portugal com a incumbência de organizar da “Semana Portuguesa”¹⁹. O pacote inglês também trazia Maria Luiza Vallat da Silva Passos como colaboradora d’*O Século*. Para além do evento, o *Correio da Manhã* anunciou que as duas jornalistas tinham “uma grande edição em homenagem Brasil” e “uma secção quotidiana sobre o nosso paiz” como missões (*Correio da Manhã* n.11882, 26/08/1936, p. 5). Já *A Noite* divulga a chegada da dupla através de uma interessante caracterização. A amorosa “embaixada portuguesa” tinha como representantes duas “embaixatrizes da inteligência e do coração” (fig. 6). A enérgica Quaresma “seria a chefe” e “a Sra Vallat da Silva Passos se destacaria como sua esforçada colaboradora” (*A Noite* n.7814, 26/08/1933, p. 1). Sabendo que as duas mantiveram uma vida conjugal²⁰ no Brasil, desde a sua chegada até o dia que a morte de Maria Luiza as separou, não nos parece que tal descrição tenha sido obra do

19 Relação de passageiros que desembarcaram do *Massília* no porto do Rio de Janeiro - 25/08/1933. Fonte: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_OL/o/RPV/PRJ/27840/BR_RJANRIO_OL_o_RPV_PRJ_27840_doo01de0001.pdf Acesso em 09/08/2021.

20 Conforme a relação de passageiros do “*Massília*”, as duas hospedaram-se no Palace Hotel, na Av. Rio Branco, 185, Centro, e, segundo o registro de óbito de Maria Luíza, viveram no edifício art déco Tília Dulce, ainda existente na Rua Luís de Camões, 75, também no centro do Rio de Janeiro.

acaso. A distinção hierárquica entre as duas também não. Embora Vallat fosse a viúva do jornalista²¹, escritor e ex-cônsul de Portugal em Dakar, Francisco da Silva Passos, e desfrutasse de certo prestígio profissional e de uma situação econômica bastante favorável²², “Madame da Silva Passos” termina por ser apresentada apenas como “governanta” ou “dama de companhia” em muitos apontamentos biográficos de Virgínia Quaresma.



FIGURA 6 – Embaixatrizes da inteligência e do coração.

Fonte: *A Noite* n. 7814, 26/08/1933 p. 1.

²¹ Francisco da Silva Passos era um antigo colega de Virgínia Quaresma. Os dois trabalhavam juntos na redação d'*A Capital*. Nesse mesmo periódico, Silva Passos assinou um texto, em 12 de fevereiro de 1911, defendendo a nomeação de Quaresma para secretária de legação.

²² A relação de passageiros que desembarcaram do vapor *Massília* no Rio de Janeiro em 25 de agosto de 1933, aponta que Marie Louise Vallat da Silva Passos, jornalista, chegava com um total de cinco malas, quantidade bastante superior à dos demais passageiros comuns e que superava, por exemplo, em muito, à de Quaresma, que trazia apenas uma.

De fato, Virgínia Quaresma e Maria Luíza Passos trabalharam juntas na organização e na cobertura da *Semana Cultural Portuguesa*. “Colaborando na tarefa de aproximação cultural entre os dois países” (*O Globo* n.2913, 25/08/1933, p. 1), também compareceram a muitos eventos, como a inauguração do *stand d’A Noite e d’O Século* na Feira de Amostras (fig. 7), visitaram redações de jornal, estratégia já consagrada para obter uma colocação nessas folhas, como a do *Diário Português* (fig. 8), do qual apenas Quaresma faria parte no ano seguinte. Pouco a pouco, a “repórter-chefe” reconhecida pelo estilo, pela audácia, pela habilidade e pelo tino, características que a possibilitavam esfumar as barreiras de gênero, afirmava-se no “mundo dos homens” no Brasil. Interessante perceber como essa trajetória impactava a vida profissional e pessoal das jornalistas. Maria Luíza vai deixando de ser mencionada como jornalista e escritora até sofrer um apagamento quase que total. No dia 20 de novembro de 1936, ainda há um anúncio do *Jornal do Brasil* com a informação sobre a existência de correspondência para a “Mme Silva Passos” na portaria do jornal, indicando que, provavelmente, ela exercia alguma atividade naquele periódico (*Jornal do Brasil* n.276, 20/11/ 1936, p. 6). Após essa data, só encontramos o registro na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a informação da profissão de jornalista no atestado de óbito de Maria Luíza²³.

23 Registro de óbito de Maria Luíza Vallat da Silva Passos, a 09/12/1964. Fonte: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:79VN-BRPZ> Acesso em: 09/08/2021.



FIGURA 7 – Inauguração do stand d’*A Noite* e d’*O Século* na Feira de Amostras. Maria Luíza da Silva Passos e Virgínia Quaresma juntas no canto esquerdo da foto.

Fonte: *A Noite* n.7864, 16/10/1933 p. 1.



FIGURA 8 – Virgínia Quaresma e Mme Vallat da Silva Passos na redação do *Diário Português*.

Fonte: *Revista Lusitânia* n.100, 30/07/1933, p. 59.

Após a *Semana Cultural Portuguesa*, em 1934, Virgínia Quaresma começa a trabalhar como redatora do *Diário Português*, periódico explicitamente voltado para os interesses da colônia e bastante empe-

nhado na propaganda pró-salazarista. Em seu novo cargo, a jornalista passa a noticiar as atividades das instituições da colônia portuguesa no Brasil, como a cobertura dos compromissos do embaixador Martinho Nobre de Melo no Rio de Janeiro em junho daquele ano, que incluíam um discurso na fundação do Instituto Luso-brasileiro de Alta Cultura, no Real Gabinete Português de Leitura, e uma visita aos laboratórios da Granado (fig. 9). Sem nenhum sinal da companheira Maria Luiza, de acordo com os registros da revista *Vida Doméstica*, a representante do *Diário Português* era a única mulher flagrada nas duas coberturas jornalísticas (*Vida Doméstica*, n.197, agosto de 1934, p. 71). Contudo, Madame Vallat da Silva Passos comparece à inauguração da clínica de cirurgia estética da academia de beleza da Mme. Campos no Rio de Janeiro (fig. 10), incluída na listagem de “um grande número de senhoras” (*Diário Português* n. 468, 17/07/1934, p. 3), todas referidas pelos sobrenomes dos respectivos maridos ou pais, em texto provavelmente escrito por Virgínia Quaresma, pois esta aparece como um dos redatores do jornal presentes ao evento (fig. 11) sem nenhum tratamento como senhorita, senhora, dona, madame ou mademoiselle.

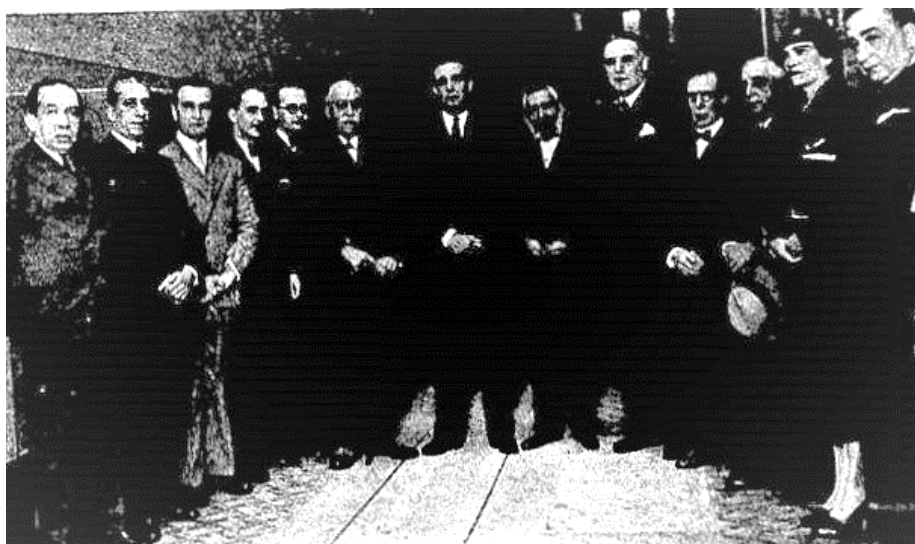


FIGURA 9 - Virgínia Quaresma como representante do *Diário Português* acompanhando a visita do embaixador Nobre de Melo aos laboratórios da Granado.

Fonte: *Vida Doméstica* n.197, agosto, p. 71.



FIGURA 10 – Pessoas presentes na inauguração da Clínica Cirúrgica da Academia de Beleza Mme. Campos.

Mme. Vallat da Silva Passos na foto da esquerda. Virgínia Quaresma, de vestido, na fotografia da direita.

Fonte: *Diário Português* n. 468, 17/07/1934, p. 3.



FIGURA 11 - Virgínia Quaresma como um dos redatores do *Diário Português* em 1934.

Fonte: *Diário Português* n. 468, 17/07/1934, p. 3.

Em dezembro daquele ano, seus colegas de imprensa no Brasil resolveram organizar um banquete em sua homenagem na Casa Hime. A relação dos presentes e a fotografia (fig. 12) é sintomática dessa nova posição de Virgínia Quaresma, cercada de homens. Apenas um deles foi acompanhado da esposa, Crisóstomo Cruz, criador, juntamente com Corrêa Varela e Joaquim Campos, do *Pátria Portuguesa* (1925) e do *Diário Português* (1932), os jornais da colônia que mais se aproximaram do “ideal salazarista” (MÜLLER, 2010). Nesse ambiente, Quaresma já não utilizava suas redes de sociabilidade²⁴ para a inclusão de mulheres no meio jornalístico.

24 Nesse terceiro período vivido no Brasil, as redes de Virgínia Quaresma expandiram-se por diversos campos. No meio musical, por exemplo, ela aproveitou sua posição para entrevistar Chiquinha Gonzaga sobre suas lembranças de Portugal, quando dedicou à Virgínia uma composição. Também ficou famosa a letra composta por Catullo da Paixão Cearense, “As tuas mãos”, dedicada “à jornalista portuguesa Virgília Quaresma” (CEARENSE, 1972, p. 101).



FIGURA 12 - O aniversário de Virgínia Quaresma em 1934.

“À mesa, que era em forma de I, sentaram-se, além da homenageada, mais os Srs. Dr. Fausto e Eduardo Campos, Comendador Avelino Souto da Mota Mesquita, João de Canali, Pinto da Fonseca, Mário Xavier, Gastão de Betencourt, Candido de Oliveira, Mélcides Morgado, João Cernadas, Alfredo Correia de Lemos, Crisóstomo Cruz e senhora; António Guimarães, Manuel Nogueira, Alfredo Guimarães, Lourenço Teixeira e Arnaldo Ramos”.

Fonte: *Diário Português* n. 608, 28/12/1934, p. 3.

Em 29 de maio de 1936, cada vez mais distante do jornalismo e mais reconhecida como membro propagandista das organizações associativas, Virgínia Quaresma aparece como integrante do conselho deliberativo da construção do Liceu Literário Português, posição que se confirmaria com o passar dos anos. De modo tal que, em 1941, Mauro Carmo, em seu texto “A Repórter Femina”, afirma:

Portugal nos mandou uma sua representante inteligentíssima, que trabalhou depois na redação de ‘O País’ e que aqui ficou – Virgínia Quaresma. Lá, era repórter de ‘O Século’, de Lisboa. Mas não se tem mais notícias da atuação de Virgínia Quaresma na reportagem. (*A Noite* n. 10436, 02/03/1941, p. 8).

O relato podia até conter um pouco de exagero do colega despeitoso, mas também tinha um bocado de verdade.

Defendendo a posição e os interesses de instituições conservadoras, nacionalistas e bastante afinadas com o Estado Novo português, a adida de imprensa da Companhia Colonial de Navegação (CCN) passou a atuar efetivamente como relações públicas, sendo também a primeira mulher portuguesa a exercer a função. Há dois casos marcantes que comprovam essa afirmação. Em 30 de julho de 1954, quando a União Indiana inicia a retomada de territórios em Goa, Virgínia Quaresma, em uma manifestação da colônia portuguesa (fig. 13), declara que o levante teria sido “uma brutal e covarde agressão contra o sagrado direito que assiste a Portugal, naquele pedaço da Ásia”, e que para os “portugueses, aquela pequena nesga lusa na Índia, representa um luminoso marco da História”, parte de uma “epopéia imortal” que Portugal teria escrito “para tôda a humanidade” (*Tribuna da Imprensa* n. 1397, 30/07/1954, p. 2). Já sobre o sequestro do vapor Santa Maria, desencadeado em janeiro de 1961 pelo ex-capitão do exército português Henrique Galvão como uma tentativa de influenciar ou mesmo provocar a queda do regime salazarista e a libertação dos territórios coloniais portugueses em África, a diretora dos serviços de imprensa da CCN afirma:

– Lamentamos muito – acrescentou – que maus portugueses tenham confundido um navio da nossa Marinha Mercante com uma praça pública. E nos surpreende, causando um profundo desgosto, que o “Santa Maria” seja cenário de um movimento político, ao que tudo indica, e que representa um golpe vibrado não contra um governo, mas contra uma nação (*O Globo* n. 10655, 25/01/1961, p. 6).



FIGURA 13 – Virgínia Quaresma entre os manifestantes.

Fonte: *Tribuna da Imprensa* n. 1397, 30/07/1954, p. 1.

Ao passo que Virgínia Quaresma solidificava mais uma carreira marcada pelo seu sucesso e pioneirismo, percebemos que, mais do que ser aceita, ela desfrutava de muitas prerrogativas asseguradas aos homens. Para se distinguir profissionalmente, parece que a pioneira desempenhou os papéis de autoridade e de liderança no masculino. Vestindo-se como eles (fig. 14), trabalhando como eles, recebendo o mesmo reconhecimento que eles e até vivendo e amando como eles. Reproduzindo a tradicional distribuição de papéis dos casais da época, Virgínia Quaresma ocupava-se da vida pública, do espaço público, de sua profissão, da rua. Já para Maria Luiza estava reservada para a esfera privada, a lida doméstica, o cuidado com a roupa, a dedicação com o cônjuge:

A Dona Virgínia ficou muito, muito desorientada com a morte da governanta. Era ela que lhe tratava de tudo desde a roupa a dar-lhe banho. Está a ver, já tinha mais de 70 anos quando a governanta morreu e não sabia fazer nada em casa, já só tinha forças para o jornalismo. (SEIXAS, 2004, p.191).



FIGURA 14 – Masculinização no vestuário.

Fonte: Imagem superior à direita: *Diário da Noite*, n. 4241, 24/04/1941, p. 8; imagem inferior à esquerda: *Vida Doméstica*, n.339, 06/1946, p.7 2; imagem à direita: Álbum do jornal *O Século*, 1937; e imagem ao centro: *Diário de Notícias*, n.9729, 23/07/1954, p. 2.

Se no início dos anos 30, ainda eram conhecidas como chefe e colaboradora, nos anos 60, madame da Silva Passos não tinha quase nenhuma distinção profissional, mesmo que, provavelmente, tenha continuado a contribuir com carreira de Quaresma. É impressionante perceber como o protagonismo e o êxito de uma feminista também podiam subjugar a existência de uma outra mulher. É preciso reconstruir através dos vestígios documentais a história de quem está soterrada por várias camadas de apagamento. A pesquisa que procura tornar públicos e notórios não só brilhantismo e o pioneirismo de Virgínia Quaresma, mas a importância de sua atuação para as lutas sociais, não pode se furtar a considerar que o

colonialismo, o machismo e o racismo exerciam efeitos até mesmo em quem ousava enfrentá-los.

Masculinidade feminina e feminismo

É inegável o pioneirismo de Virgínia Quaresma no jornalismo, tanto em Portugal quanto no Brasil. Ela ocupou diversos cargos relacionados à profissão: jornalista, repórter, redatora, relações públicas, agente de notícias etc. Essas iniciativas foram marcas de sua campanha feminista por educação para as mulheres e sobretudo pela abertura de novas profissões para o seu gênero, uma luta que ela desempenhava na prática. A masculinização de suas maneiras e de suas roupas ao longo do tempo podem ter contribuído para sua aceitação em espaços predominantemente masculinos. Virgínia Quaresma exercia assim, publicamente, uma “masculinidade feminina” (HALBERSTAM, 2008 [1997]), desafiando o sistema de gêneros.

Procuramos, sempre que possível, não atribuir rótulos identitários contemporâneos a mulheres que viveram em um período no qual as relações sentimentais e o desejo entre pessoas do mesmo sexo ainda deviam, por imposições sociais e legais, ser mantidos às ocultas. Parece-nos inegável o envolvimento amoroso entre Virgínia Quaresma e Maria da Cunha, sobretudo pelo repetido apagamento dessa relação em diversos relatos, contido, acreditamos que, mais do que uma reação a qualquer lei persecutória de comportamentos desviantes da norma, a maior motivação da viagem das duas ao Brasil tenha sido a carreira profissional. Os constantes retornos, tanto uma quanto outra, a Portugal, e sempre com objetivos distintos parecem aprofundar nosso entendimento. A morte também não foi o ponto final daquela relação. As duas partilhavam a vida no animado Rio de Janeiro da *Belle Époque* até que Maria da Cunha consegue se divorciar do marido e trazer sua filha pequena para o Brasil. A vida doméstica

e criação de filhos não parece ter exercido encanto algum em Virgínia Quaresma. Contudo a separação representou um no começo para Maria da Cunha. Recebida de braços abertos por Ana Villalobos Galheto e Eunice Caldas, a poetisa entrou para uma família ampliada e bem pouco heteronormativa em São Paulo.

No entanto, é preciso ter em conta que o conservadorismo defendido pelo Estado Novo em Portugal e no Brasil teve um impacto muito considerável em todos e em todas. Virgínia Quaresma não ficou incólume. Para resistir a tempos tão duros, precisou aproximar-se ainda mais do modelo hegemônico masculino, ao ponto de ser vista por seus colegas de profissão e pelo governo de seu país como um dos homens. Halberstam afirma que “la forma que tuvo la cultura dominante de contener la amenaza que suponía la mujer masculina para la masculinidad hegemónica fue absorber la masculinidad femenina dentro de las estructuras dominantes” (2008, p. 71). Virgínia Quaresma, usando seu talento para, quando necessário, defender o regime instalado em Portugal, e mantendo a sua companheira Silva Passos longe dos olhos de todos, já não ameaçava a dominação masculina, apesar de seu gênero. O feminismo dos anos iniciais já não tinha como se manifestar.

RECEBIDO: 10/08/2021 APROVADO: 07/09/2021

REFERÊNCIAS

A., E.. “Eugenia foi para um convento!”... mas, descoberta a sua vocação, voltou para a rua. Um furo furado.... *Correio da Noite* n.111. Rio de Janeiro: 14/05/1914, p.1.

ABRANCHES, Adelina. *Memórias de Adelina Abranches*. Lisboa: Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1947.

ALMEIDA, São José. *Homossexuais no Estado Novo*. Lisboa: Sextante editora, 2010.

BARBOSA, Orestes. A mulher e a dança nas letras. *A. B. C.* n. 562. Rio de Janeiro: 12/12/1925, p. 8.

- BARRETO, Paulo. *Muito d'alma: cartas de Paulo Barreto (João do Rio) a João de Barros – 1909-1921*. Organização e notas Claudia Poncioni e Virgínia Camilotti. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Garamond, 2015.
- BRAGA, Paulo Drumond. *Filhas de Safo: uma história da homossexualidade feminina em Portugal*. Alfragide: Texto Editores (Grupo Leya), 2010.
- CARVALHO, José Xavier de. Carta de Paris. *O Paiz* n.10191. Rio de Janeiro: 31/08/1912, p. 5.
- CEARENSE, Catullo da Paixão. *Modinhas*. 3ed. Aumentada. São Paulo: Fermata do Brasil, 1972.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. *Estudos Avançados* 11(5), São Paulo: 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>>. Acesso em: 20/07/2020.
- COSTA, Emilia de Sousa. *Como eu vi o Brazil*. Lisboa: Portvgalia, 1925.
- CUNHA, Maria da. O calendário aqui e àlém Atlântico. *A epoca* n. 75. Rio de Janeiro: 13/10/1912, p. 1.
- CUNHA, Maria da. Modulações do Branco. *A Epoca* n. 86. Rio de Janeiro: 24/10/1912, p. 1.
- CUNHA, Maria da. Feminismo e Sufragismo. *A Epoca* n. 624. Rio de Janeiro: 10/05/1914, p. 1
- CUNHA, Maria da. Feminismo e Sufragismo. *A Epoca* n. 638. Rio de Janeiro: 24/05/1914, p. 1
- CUROPOS, Fernando. Les Mémoires de Maria Olga de Moraes Sarmiento: discours public, amours secretes. *Inverses: ittératures, arts, homosexualités* n. 11. Paris: 2011, p. 23-32.
- CUROPOS, Fernando. *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*. Paris: L'Harmattan, 2016.
- CUROPOS, Fernando. *Lisbonne 1919-1939: des Années presque Folles*. Paris: L'Harmattan, 2019.
- FERREIRA, Reynaldo. Tem a palavra Virginia Quaresma. *A Epoca* n. 2283. Rio de Janeiro: 15/10/1918, p. 5.
- FIGUEIREDO, Cândido de. D. Maria da Cunha. *Almanach das senhoras para 1918: Portugal e Brazil*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1917.
- FONTES, Hermes. A morte de um rouxinol. *Correio Paulistano* n. 19272. São Paulo: 06/03/1917, p. 1.

GALHETO, Anna de Villalobos. *O Genio Da Raça*. São Paulo: Typ. Paulista, 1924.

GONTIJO, R. "História, cultura, política e sociabilidade intelectual". In: SOIHET, Rachel; BICALHO, M. F. B.; GOUVÊA, M. de F. S.. *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

HALBERSTAM, J. *Masculinidad femenina*. Trad. Javier Sáez. Marcelona, Madrid: Editorial Egales, 2008.

KLOBUCKA, Anna. "Summoning Portugal's Apparitional Lesbians: A To-Do Memo". Comunicação apresentada no colóquio da Association of British and Irish Lustianists, 2009.

LOUSADA, Isabel. Feminismo en la voz de una periodista feminista. Virgínia Quaresma. *Anais do XV Coloquio Internacional de AEIHM. Mujeres y Historia: Diálogos entre España y América Latina*, 2014. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/13925>>. Acesso em 09/09/2021.

LUGARINHO, M. C. "Literatura de Sodoma": o cânone literário e a identidade homossexual. *Gragoatá*, v. 8, n. 14, 19 jun. 2004. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33451>>. Acesso em 09/09/2021.

MAROLE. "Bom Humor". *A Vida Moderna* n.137. São Paulo: 03/11/1912, p. 16.

MOREL, Marco. "Os primeiros passos da palavra impressa". in: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GONÇALVES, Álvaro. A mulher reporter. *A Noite* n. 373. Rio de Janeiro: 02/03/1941, p. 8.

MÜLLER, Fernanda Suely. Brasil e Portugal em revista: a imprensa periódica na fronteira entre cultura e política. *Amerika (En ligne)* 3 | 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.4000/amerika.1408>>. Acesso em: 09/08/2021.

NELSON, Isabella. O congresso de jornalistas. *O Paiz* n. 10243. Rio de Janeiro: 22/10/1912, p. 1.

QUARESMA, Virgínia. Fragmentos. *Sociedade Futura* n. 15. Lisboa: 15/12/1902, p. 3.

QUARESMA, Virgínia. A ingratidão dos que mandam em Portugal. *A Epoca* n. 75. Rio de Janeiro: 12/10/1912, p. 2.

QUARESMA, Virgínia. As mais notáveis prosadoras e poetisas portuguesas da actualidade: a mentalidade feminina em Portugal. *A Epoca* n. 89. Rio de Janeiro: 27/10/1912, p. 1.

QUARESMA, Virgínia. Mulheres de hoje. *A Epoca* n. 180. Rio de Janeiro: 26/01/1913, p. 1.

QUARESMA, Virgínia. No camarim de uma grande artista – Uma palestra com Adelina Abranches. *A Epoca* n. 278, 04/05/1913, p. 2.

QUARESMA, Virgínia. Bruxos, Magos, Nigromantes – Nas minhas memórias e para avolumar o inquérito de Hermano Neves – Das sessões de espiritismo a um monstruoso crime. *A Capital* n. 2150. Lisboa: 09/08/1916, p. 2.

S.A. Pacifismo. *Jornal de Recife* n. 131. Recife: 10/06/1908, p. 2.

S.A. Páginas de lucta, de aventura...: Uma jornalista portuguesa parte brevemente para o Brazil, onde vae exercer a sua profissão. *A Capital* n. 662. Lisboa: 02/06/1912, p. 1.

S. A. FEMINISMO – Uma jornalista portuguesa vem exercer a sua profissão no Brasil. *Gazeta de Noticias* n.172. Rio de Janeiro: 20/06/1912, p. 2.

S.A. A jornalista D. Virginia Quaresma. *O Paiz* n.10178. Rio de Janeiro: 18/08/1912, p.8.

S.A. Notas sociaes. *Jornal do Brasil* n. 263. Rio de Janeiro: 19/09/1912, p. 11.

S.A. O Feminismo e a Imprensa. *A Imprensa* n. 1725. Rio de Janeiro: 22/09/1912, p. 2.

S.A. S.T.. *Pacotilha* n.226. São Luís: 23/09/1912, p. 1.

S.A. S.T.. *A Noite* n. 373. Rio de Janeiro: 24/09/1912, p. 4.

S.A. D. Virginia Quaresma. *Portugal Moderno* n.626. Rio de Janeiro: 26/09/1912, p.2.

S.A. “A Epoca” contratou os serviços da jornalista portuguesa recentemente chegada. *A Epoca* n.59. Rio de Janeiro: 27/09/1912, p. 3.

S.A. Elegancias e mundanidades. *A Epoca* n. 83. Rio de Janeiro: 21/10/1912, p. 3.

S.A. Elegancias e mundanidades. *A Epoca* n. 90. Rio de Janeiro: 28/10/1912, p. 3.

S.A. A “Epoca” entrevistou o senador Nilo Peçanha. *Jornal de Recife* n.308. Recife: 07/11/1912, p.1.

S.A. Festa de homenagem. *A Epoca* n. 153. Rio de Janeiro: 30/12/1912, p. 4.

S.A. Festas. *O Imparcial* n. 192. Rio de Janeiro: 14/06/1913, p. 6.

- S.A. O jornalista brasileiro Pinto Quartim Chegou, hontem, a bordo do “Darro”. *A Epoca* n. 402. Rio de Janeiro: 05/09/1913, p. 1.
- S.A. Sessões solennes. *Jornal do Brasil* n.47. Rio de Janeiro: 16/02/1914, p. 6.
- S.A. Ecos Sociais - D. Maria da Cunha. *A Epoca* n. 260. Rio de Janeiro: 16/04/1913, p. 3.
- S.A. Festas. *O Imparcial* n. 192. Rio de Janeiro: 14/06/1913, p. 6.
- S.A. Sessões solennes. *Jornal do Brasil* n. 47. Rio de Janeiro: 16/02/1914, p. 6.
- S.A. Travestis. *O Paiz* n. 10732. Rio de Janeiro: 24/02/1914, p. 3.
- S.A. D. Maria da Cunha. *A Epoca* n. 601. Rio de Janeiro: 17/04/1914, p. 3.
- S.A. Festival Artistico. *O Fluminense* n. 9452. Niterói: 14/03/1915, p. 2.
- S.A. O feminismo triumpha entre nós?. *A Epoca* n. 630. Rio de Janeiro: 16/05/1914, p. 2.
- S.A. Portuguezes no Brazil – D. Virginia Quaresma passa por Lisboa, regressando aos seus trabalhos jornalísticos no Rio de Janeiro após uma viagem pela Europa. *A Capital* n. 1344. Lisboa: 18/05/1914, p. 1.
- S.A. Festival artistico. *Gazeta de Noticias* n. 104. Rio de Janeiro: 14/04/1915, p. 3.
- S.A. Binoculo. *Gazeta de Noticias* n. 117. Rio de Janeiro: 27/04/1915, p. 4.
- S.A. O festival de hontem no Trianon. *Correio da Manhã* n. 5906. Rio de Janeiro: 27/04/1915, p. 4.
- S.A. Virginia Quaresma. *A Epoca* n. 1460. Rio de Janeiro: 16/07/1916, p. 1.
- S.A. Viajantes ilustres – Carmen de Burgos em Lisboa. *A Capital* n. 2150. Lisboa: 09/08/1916, p. 2.
- S.A. No centenario da independência. *O Paiz* n. 13808. Rio de Janeiro: 10/08/1922, p. 3.
- S.A. Relembrando a nossa Patria imortal. *O Brasil* n. 208. Rio de Janeiro: 21/11/1922, p. 8.
- S.A. Conferencia pelo progresso feminino. *Jornal do Brasil* n. 299. Rio de Janeiro: 15/12/1922, p 6.
- S.A. S.T.. *Revista Lusitânia* n.100. Rio de Janeiro: 30/07/1933, p.59
- S.A. Inquerito galante. *Sempre Fixe* n. 45. Lisboa: 31/03/1927, p. 6.
- S.A. S.T. *O Globo* n.2913. Rio de Janeiro:25/08/1933, p. 01

- S.A. Embaixatrizes da Inteligência e do Coração. *A Noite* n. 7814. Rio de Janeiro: 26/08/1933, p.1.
- S.A. Inauguração do Stand d'A *Noite* e d'O *Século* na Feira de Amostras. *A Noite* n. 7864. Rio de Janeiro: 16/10/1933, p.1.
- S.A. Como falaram ao Brasil o presidente Carmona e o ministro Oliveira Salazar. *A Noite* n. 7871. Rio de Janeiro: 23/10/1933, p.3.
- S.A. Uma obra de Ciência e de Beleza. *Diario Português* n. 468. Rio de Janeiro: 17/07/1934, p. 3.
- S.A. S.T. *Vida Doméstica* n.197. Rio de Janeiro: 08/1934, p.71
- S.A. O aniversário de Virgínia Quaresma. *Diario Português* n. 608. Rio de Janeiro: 28/12/1934, p. 3.
- S.A. S.T. *Correio da Manhã* n.11882. Rio de Janeiro: 26/08/1936, p. 5.
- S.A. Correspondencia. *Jornal do Brasil* n.276. Rio de Janeiro: 20/11/ 1936, p. 6.
- S.A. S.T. *Diário da Noite*, n .4241. Rio de Janeiro: 24/04/1941, p. 8.
- S.A. S.T. *Vida Doméstica*, n.339. Rio de Janeiro: 06/1946, p. 72.
- S.A. S.T. *Diário de Notícias*, n.9729. Rio de Janeiro: 23/07/1954, p. 2.
- S.A. Fechará o comércio para a concentração de portugueses hoje. *Tribuna da Imprensa* n. 1397. Rio de Janeiro: 30/07/1954, p. 1.
- S.A. Fechará o comércio para a concentração de portugueses hoje. *Tribuna da Imprensa* n. 1397. Rio de Janeiro: 30/07/1954, p. 2.
- S.A. Ato de Pirataria o Assalto ao Transatlântico Português. *O Globo* n. 10655. Rio de Janeiro: 25/01/1961, p. 6.
- SARMENTO, Olga de Moraes. *As minhas memórias* (tempo passado, tempo amato...). Lisboa: Portugália Editora, 1948.
- SEIXAS, Maria Augusta Anselmo Seixas. *Virgínia Quaresma (1882-1973). A primeira jornalista portuguesa*. Diss. de Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2004.
- SEIXAS, M. A.. “Virgínia Sofia Guerra Quaresma” [verbete]. CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (Dir.). *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- VICTOR, Jayme. “Aquem e além mar - XXIII - Jornalismo Portuguez - A debandada”. *Jornal do Brasil* n.229. Rio de Janeiro: 17/08/1913, p.10.

MINICURRÍCULO

Eduardo da Cruz é licenciado em Letras pela FFP/UERJ, mestre em Teoria Literária pela UFRJ e doutor em Literatura Comparada pela UFF. Atualmente, desenvolve seu pós-doutoramento na FFLCH da USP. É professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual é bolsista Prociência; é bolsista PQ2 do CNPq. Colidera o grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura; é investigador-colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; faz parte da diretoria da ABRAPLIP (Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa), como secretário no biênio 2018-2019 e tesoureiro executivo no biênio 2020-2021.

Andreia Alves Monteiro de Castro é bacharel em Letras pela UFRJ, licenciada pela UCAM, mestre em Literatura Portuguesa pela UERJ e doutora em Literatura Comparada também pela UERJ, universidade na qual é professora de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Colidera o grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura; é investigadora-colaboradora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; faz parte da diretoria da ABRAPLIP (Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa), como tesoureira adjunta no biênio 2020-2021.